

SOBRE UMA NOÇÃO MÍNIMA DE OBJETIVIDADE E REALISMO

Julio Henrique Carvalho Pereira

Universidade Federal de Pelotas

1. Introdução

As noções de *objetividade* e *realismo* remontam a antigos debates na filosofia que normalmente são associados a duas “escolas de pensamento”: a *realista*, que sustenta a independência do “mundo exterior” em relação ao ser humano; e a *idealista* que sustenta de maneira oposta, que o mundo físico é de alguma forma dependente da atividade consciente dos seres humanos na sua totalidade de fatos. Outra disputa que normalmente retorna a essas noções encontra-se nos debates contemporâneos de filosofia da ciência, qual seja a tese dos *realistas científicos* que de acordo com Okasha (2002), sustentam que o objetivo da ciência é oferecer (e de fato oferece) descrições verdadeiras do mundo tanto a respeito de *observáveis* quanto de *inobserváveis*; e o denominado *antirrealismo* ou *instrumentalismo* que sustenta a tese realista a respeito de observáveis, mas não a respeito de inobserváveis.

Este trabalho não possui o intuito de aprofundar estas discussões mesmo que se utilize delas, pois sua construção foi motivada por questões altamente gerais e preocupantes: I) Será que é teoricamente impossível sustentar uma noção de objetividade, como fomenta Richard Rorty na sua obra *Contingency, Irony and Solidarity*⁹⁴? (II) Será “(...) que o melhor pensamento filosófico de nosso tempo varreu para longe as concepções intuitivas objetivistas da verdade e da racionalidade (...)” (BOGHOSSIAN, 2012, p.21)? (III) Se sim, que tipo de pensamento é este e o que ele traz para substituir essas

⁹⁴ Sobre esta posição, ver: RORTY (1989, p.20).

concepções intuitivas? IV) Existe algum tipo de objetividade disponível para as nossas investigações? V) E relacionado a estas perguntas, é possível defender um realismo sem cair em “ingenuidade teórica”?

Os oferecimentos de possíveis respostas para estas perguntas serão dados no desenvolver. Por ora, façamos algumas qualificações importantes. O conceito de *objetividade* pode ser definido como “a característica comum às coisas cuja existência não depende de serem concebidas ou percebidas, nem de serem objeto de uma crença qualquer” (MOSER, MULDER, TROUT, 2008, p. 209). O discurso da objetividade de algo, dado a descrição anterior, se faz independentemente do que o *concededor* acredita que este algo seja. Assim, assume-se implicitamente a possibilidade de *fatos universais*⁹⁵ [FU] e/ou *objetivismo sobre fatos*⁹⁶ [OF], uma *noção de verdade*⁹⁷ [NV], *independência da mente* [IM] e *independência de crenças e asserções* [ICA]. O realismo em geral sustenta a noção de objetividade, mas o conceito realismo pode aparecer com diversas formas, como salientado por Moser:

O realismo *mínimo* afirma que algo existe objetivamente, ou seja, independentemente de ser concebido. O realismo *comum* propõe que as

⁹⁵ Para os realistas algumas crenças não variam de comunidade para comunidade ou de pessoa para pessoa. Por exemplo, se a crença de que a lua é um satélite natural da terra é verdadeira, então o fato correspondente tem de prevalecer para todas as pessoas, independentemente das suas inclinações em acreditar ou não neste fato. É neste aspecto que o realismo defende *fatos universais*, e não no sentido mais trivial de que podem existir pessoas que nunca relevaram a questão de que a lua é um satélite natural da terra. O que o realista sustenta é ambicioso teoricamente, mas intuitivo de forma geral. Ele asseire que o fato da lua ser um satélite natural da terra “vale” para todas as pessoas desde que o fato seja considerado, pois ele independe da existência dos seres humanos para existir (independe da mente humana).

⁹⁶ De acordo com os realistas, mesmo se os seres humanos (seres pensantes) não existissem, “o mundo ainda teria muitas das propriedades que ele presentemente tem.” (BOGHOSSIAN, 2012, p.42). Os fatos do mundo que tentamos conhecer e compreender são na sua maioria independentes dos seres humanos. E desta forma, é totalmente independente do grau de conhecimento ou evidências que sustentamos, pois alguns fatos do mundo existem objetivamente, independentemente do nosso melhor estado de conhecimento presente ou futuro.

⁹⁷ Resumindo, para que as crenças sobre o mundo sejam verdadeiras, elas devem “versar” sobre estados de coisas existentes. A verdade é definida como a relação entre as crenças e como as coisas realmente são.

ocorrências da maioria dos tipos psicológicos e físicos (especificados pelo uso comum da linguagem) existem objetivamente. O realismo *científico* sustenta que as ocorrências da maioria dos tipos científicos existem objetivamente. (MOSER, 2008, p.118)

A definição dada por Moser de realismo *mínimo* ou *moderado* é simples e geral. Sendo assim, o realista moderado pode adotar tanto uma parcela de tipos psicológicos e físicos que o realismo *comum* sustenta como objetivos quanto uma parcela de tipos científicos que o realismo *científico* diz existir objetivamente. Pretendo defender a possibilidade epistêmica do realismo *moderado* mostrando os diversos problemas com que o *fato construtivismo* (a tese que se opõe ao *fato objetivismo* [OF] e conseqüentemente a qualquer tipo de realismo) se compromete⁹⁸, a saber, os problemas da *causação*, *competência conceitual*, *discordância* e o dilema que surge desta posição na sua forma relativizada, focado nos textos de Paul Boghossian (2012) e Peter Inwagen (2002).

Além destas objeções gerais que o *fato construtivismo* enfrenta, de acordo com Paul Moser (2008), existem problemas mais específicos nas afirmações de autores que defendem este tipo de tese, qual seria, o problema *autorreferencial* advindo do esvaziamento do que se entende por uma objetividade que se baseie em um conceito de “como as coisas realmente são”. Em outras palavras, da ininteligibilidade de uma noção de objetividade em “termos realistas”.

⁹⁸ É importante ressaltar que a possibilidade de defesa da posição realista não tem relação direta com a verdade ou aceitabilidade racional da tese realista, a relação pode ser no máximo indireta. De forma geral, a falsidade de teses opostas ao realismo não conferem a verdade do realismo, mas representa um recuo (*prima facie*) das críticas direcionadas ao realismo e à questão da objetividade.

2. Críticas ao Realismo e à Objetividade⁹⁹

Na maioria das vezes quando nos encontramos fora do exercício filosófico ou qualquer exercício crítico sobre o mundo e nossos pensamentos, assumimos sem grandes dificuldades que existem montanhas, planetas e etc. De forma geral assumimos uma certa objetividade a respeito desses fatos pressupondo-os como independentes da mente e de nossas crenças. Inwagen (2002) no seu livro denominado *Metaphysics* mostra esse ponto vista recorrendo a alguns exemplos desses fatos.

Para o autor norte-americano, quando afirmamos que montanhas são [IM] e [ICA], está pressuposto que a sua existência não é influenciada por processos evolutivos¹⁰⁰ que deram, de acordo com a ciência, origem aos seres humanos. Ao contrário, sua existência se deve a um lento processo geológico obviamente diferente do processo evolutivo de organismos vivos. Se não tivessem existido quaisquer seres inteligentes na terra, montanhas continuariam a possuir os tamanhos e formas que possuem¹⁰¹. Dada esta conclusão, se não existissem seres com mentes, não haveria ninguém para observar ou estar ciente que existem montanhas, mas o fato de existir montanhas ainda estaria lá.

A questão é que o exercício filosófico não nos deixa tranquilos sobre esta perspectiva. Inwagen (2002) nos chama atenção para um argumento de Berkeley contra esse *ponto de vista metafísico do senso comum*: para o autor moderno, é impossível imaginar processos geológicos (ou qualquer outra coisa) acontecendo independentemente da mente, pois se tentarmos fazê-lo

⁹⁹ Ao longo de todo o trabalho utilizo o conceito "realismo" enquanto "realismo moderado". Assim, tal termo não fomenta um realismo ingênuo ou comum.

¹⁰⁰ Inwagen argumenta que mesmo que este argumento apele para alguns fatos científicos, pode-se dizer que ele "representa o ponto de vista metafísico das pessoas comuns" (INWAGEN, 2002, p.98).

¹⁰¹ "(...) esta conclusão é pressuposta pelas explicações dos geólogos das características atuais da Terra, (...) os processos que deram forma a estas características tiveram lugar durante períodos de tempo inimaginavelmente longos nos quais não havia quaisquer seres inteligentes para os observar ou para pensar neles" (INWAGEN, 2002, p.98).

imaginamos nós mesmo ou outras pessoas presentes observando o processo ocorrer independente das nossas observações.

Para o autor norte-americano essa alegação não tem força. O argumento a favor da independência da existência de montanhas face a nós seres humanos não exige que formemos uma *imagem mental* de processos geológicos inobserváveis, mas antes a compreensão de certas descrições verbais (*verbal descriptions*) de tal processo. É possível afirmar que a ideia de Berkeley ou da posição idealista tomou outras formas para uma crítica ao realismo e objetividade na contemporaneidade, através do que é conhecido como *fatoconstrutivismo* [FC].

2.1 O *fatoconstrutivismo*

De acordo com Boghossian (2012, p.49), os autores mais importantes que defendem o *fatoconstrutivismo* contemporaneamente são Nelson Goodman, Hilary Putnam e Richard Rorty. Estes autores mantêm uma tese de dependência da mente – como Berkeley e os idealistas fizeram. No entanto, a tese [FC] traz algumas peculiaridades em relação ao idealismo¹⁰² por assumir que “(...) todos os fatos são socialmente construídos de um modo que reflete nossas necessidades e interesses contingentes” (BOGHOSSIAN, 2012, p.43). Sendo que, os construímos ao aceitar um modo de pensar ou falar que os descreve, depois de adotar um esquema específico para descrever o mundo. Aqui se encontra uma primeira forma do *fatoconstrutivismo*, a *dependência de descrição dos fatos* [DDF]. Esta posição pode ser vista nos escritos de Richard

¹⁰² Os *fatoconstrutivistas* endossam uma pequena modificação sobre a natureza geral dos fatos em relação ao idealismo, porém a tese base idealista, a dependência da mente sobre os fatos, ainda se encontra nas conjecturas do [FC].

Rorty, mas ficou famosa no livro intitulado “Ways of Wordmaking” de Nelson Goodman.

O *fatoconstrutivismo* e mais especificamente a [DDF] é altamente contraintuitiva, pois não parece que seja uma verdade necessária que todos os fatos sejam dependentes da descrição, voltando a pensar no que Peter Inwagen (2002) denomina *ponto de vista metafísico do senso comum*. Deveríamos realmente pensar de outro modo as nossas convicções do senso comum? “Que engano revelou o fatoconstrutivismo em nosso realismo (...) sobre o mundo? Qual é a razão positiva que existe para que se leve a sério uma visão *prima facie* tão contra intuitiva?” (BOGHOSSIAN, 2012, p.52).

Nelson Goodman oferece respostas a estas perguntas refletindo sobre a noção de constelação. O filósofo rejeita o pensamento de que, por exemplo, a constelação de Andrômeda¹⁰³ (ou qualquer outra) se encontre “lá fora” esperando ser notada e nomeada pelos seres humanos. Ao contrário disso, é o próprio ato de selecionar determinadas estrelas, com determinadas configurações, que faz dela a constelação de Andrômeda, que cria o fato da sua existência. Se asserirmos que Andrômeda existe independentemente da sua nomeação, então nos comprometemos com a estranha consequência de que todas as possíveis configurações particulares de estrelas, incluindo as que não escolhermos destacar para receber nossa atenção, contam como constelações. Porém, tal conclusão seria um absurdo lógico.

Para Boghossian tal raciocínio não peca a respeito do conceito “constelação”, uma vez que, ele é obviamente dependente das descrições. O epistemólogo crê que o argumento erra especificamente na passagem arbitrária da dependência das descrições dos fatos a respeito de constelações para todos os fatos possíveis: “(...) não se pode esperar que nenhum argumento baseado

¹⁰³ O exemplo que Goodman utiliza é a constelação do “Grande Carro”, ver em: *Notes on the Well-Made World*, GOODMAN (1996, p.156).

nas constelações sustente o construtivismo generalizado sobre os fatos que Goodman está procurando” (BOGHOSIAN, 2012, p.59).

Boghossian também pensa que a posição endossada por Goodman, a saber, que os conceitos recortam o mundo criando fatos¹⁰⁴, pressupõe uma espécie de [OF] à qual ela tenta se opor. Pois, para que os conceitos tracem determinados fatos deve existir uma “massa mundana básica para que eles ajam sobre ela” (BOGHOSIAN, 2012, p.60), um fato básico comum a todas as descrições. Talvez tal “massa básica” seja somente o emaranhado de espaço-tempo, mas da mesma forma, a dependência da descrição a todos os fatos estaria arruinada.

Consequentemente, a defesa do fatoconstrutivismo a partir da [DDF] sofre forte abalo, pois não oferece exemplos persuasivos nem argumentos que sustentem que todos os fatos são dependentes da descrição. Além disto, Boghossian nos disponibiliza três argumentos que de forma geral demonstram a incoerência do [FC] e sucessivamente da [DDF]:

- *O problema da causalção*

A aceitação do fatoconstrutivismo ou da tese de dependência de descrição dos fatos nos compromete com uma forma bizarra de processo causal (causação retroativa) onde o objeto precede sua causa ou onde a causa vem depois de seus efeitos.

- *O problema da competência conceitual*

A definição de determinados conceitos, se entendidos de maneira correta, parece não pressupor as nossas descrições para a sua existência. Vejamos o caso do termo “elétron”:

¹⁰⁴ Pegamos determinadas estrelas, traçamos linhas sobre elas e as chamamos constelações, e desta forma passa a existir constelações. Pegamos uma dada coleção de moléculas traçamos seus “limites” e as chamamos de estrelas, e desta forma passa a existir estrelas e assim sucessivamente até os fatos mais básicos.

De acordo com o modelo padrão da física de partículas, os elétrons estão entre os elementos de construção fundamentais de toda a matéria. Eles constituem os objetos macroscópicos ordinários que vemos e com os quais interagimos, incluindo os nossos próprios corpos (BOGHOSSIAN, 2012, p.65).

Feita tal explicação, se insistirmos que elétrons não existem realmente, mas sua existência é fruto das nossas descrições, cometemos incoerência conceitual.

- *O problema da discordância*

Se a construção dos fatos é socialmente contingente, como afirma o [FC], se segue que é possível que comunidades ou sociedades diferentes construam fatos incompatíveis entre si. Que, por exemplo, uma sociedade construa um fato “P” enquanto uma outra um fato “~P”. Mas, ao mesmo tempo, poderia em um só e mesmo mundo se dar ambos os fatos “P” (que o mundo é plano) e “~P” (que o mundo não é plano, mas redondo) e ambos serem verdadeiros?

Um *fatoconstrutivista* (coerente à sua tese) responderia que sim. O problema é que esta posição viola o *princípio de não contradição*, princípio que asseve que necessariamente não se pode dar ou afirmar ambos os casos, P e ~P. A violação do princípio de não contradição surge não somente de realmente haver comunidades que construíram fatos inconciliáveis entre si, mas também da possibilidade de que uma determinada comunidade tenha construído o fato “P” e uma outra tenha construído o fato de que “~P” ou um fato “R” que acarrete “~P”. Boghossian conclui que a natureza geral do problema da discordância é a seguinte: “enquanto as construções forem rotuladas de contingentes haverá um problema sobre como podemos acomodar a construção simultânea possível de fatos logicamente (ou metafisicamente) incompatíveis” (BOGHOSSIAN, 2012, p.67).

Richard Rorty (1998, p.90), ciente destes problemas, formula saídas para o [FC]. Sua solução é *relativista*. O autor norte-americano parte da

concepção de que não faz sentido a ideia de que a realidade é de um certo jeito em si e por si mesma. Uma noção de *mundo-em-si* e a noção de objetividade em termos de como as coisas realmente são, carecem de especificação. Para Rorty, só existe sentido na ideia de que o mundo é de certo jeito pelas nossas descrições se estas descrições forem relativas a alguma teoria sobre o mundo¹⁰⁵. Esta tese final representa o salto do pragmatista em relação à posição de Goodman, pois as descrições estão relativizadas a um pano de fundo teórico adotado.

Dada esta perspectiva, na concepção de Rorty, quando dizemos que montanhas existem antes de nós seres humanos e são independentes do nosso conceber não significa que há montanhas independentes de nós e que sua existência precede a nossa realmente, mas que essa afirmação é permitida pelo modo de falar relativa a alguma teoria de mundo que adotamos. Sendo assim, Rorty aceitaria a nossa afirmação feita acima dando conta do problema da *causação* e *competência conceitual*. Sobre o problema da *discordância*, o construtivismo relativista de Rorty isola a competição dos fatos à teoria de mundo adotada. Esta solução pode ser formulada da seguinte maneira: “é verdadeiro, segundo a teoria T1 de C1, que existem Xs, não contradiz de modo algum que é verdadeiro, segundo a teoria T2 de C2, que não existem Xs” (BOGHOSIAN, 2012, p.75).

É o *fatoconstrutivismo*, na sua forma relativizada, consistente e coerente? De acordo com o epistemólogo, não. O relativismo global sobre os fatos com que Rorty compactua nos conduz a um dilema. Elucidarei somente a base do argumento de Boghossian, sendo que a sua completude exigiria

¹⁰⁵ De acordo com Rorty, a verdade de uma proposição (ou crença) não se dá *simpliciter*, mas somente em relação a uma teoria.

aprofundamento do tema do relativismo, algo que não é o propósito deste artigo¹⁰⁶.

O relativismo global endossado por Rorty tem por princípio a impossibilidade de haver fatos da forma “existem montanhas”. Para o pragamatista a asserção correta sobre este fato seria: “segundo uma teoria aceita, existem montanhas”. Admitindo essa forma como correta, o relativista global não afirma que existem fatos absolutos, a saber, fatos sobre quais teorias aceitamos? Se o relativista responde que sim, estaria abandonando o que queria expressar: o princípio de que não existe nenhum fato absoluto de nenhum tipo, mas somente fatos relativos. Em outras palavras, estariam propondo que os únicos *fatos absolutos* dizem respeito às nossas crenças.

Se o relativista responde não à pergunta, temos que reinterpretar as sentenças de tal modo que elas seriam asserções infinitas, impossibilitando seu entendimento e sua capacidade de demonstração¹⁰⁷. Consequentemente, as únicas asserções de fatos que existiriam seriam da forma: “segundo uma teoria que aceitamos, existe uma teoria que aceitamos e segundo essa última teoria...” (BOGHOSSIAN, 2012, p. 85). E o assombroso regresso permaneceria indefinidamente. Como se não bastassem tais objeções, se faz latente uma dificuldade mais específica a concepções de Rorty, o que Paul Moser chama problema *autorreferencial*.

2.1.2 O problema autorreferencial

Uma das premissas levantadas por Rorty que foi elucidada anteriormente é que se faz totalmente estéril uma noção de objetividade nos termos de como as coisas realmente são (independentes de nós ou de um

¹⁰⁶ Para o argumento em sua totalidade, ver: BOGHOSSIAN (2012, p. 84-86).

¹⁰⁷ No sentido da possibilidade de expressá-la.

concededor)¹⁰⁸. O que o mundo é depende da nossa adoção de um jeito de falar relativizado a teorias que adotamos. Contudo, não seria a afirmação “é ininteligível falar da objetividade nos termos de como as coisas realmente são (independentes de nós)” uma afirmação sobre como as coisas realmente são? Se sim, tal asserção é incompreensível, partindo de sua própria formulação, “porque implica que as declarações que se baseiem na noção de como as coisas realmente são se qualifiquem como ininteligíveis” (MOSER, 2008, p.120). Se não é uma afirmação sobre como as coisas realmente são, precisamos saber que tipo de declaração ela é.

Imaginemos que Rorty nos responda que essa é uma declaração “do que estamos *justificados em afirmar*” (MOSER, 2008, p. 120). Feita esta colocação, estamos justificados ao afirmar que é ininteligível falar de objetividade nos termos de como as coisas realmente são (independentes de nós). Mas tal visão não se afasta do problema *autorreferencial*, e sim o reforça. Vejamos: podemos perguntar se esta posição não é ela mesma, uma afirmação sobre como as coisas realmente são a respeito do que estamos justificados a afirmar. Se sim, voltamos ao problema do início, a saber, da ininteligibilidade da posição. Se não, torna-se iminente “um desagradável regresso de níveis crescentes de suporte de justificação” (MOSER, 2008, p.120).

O esvaziamento total da noção de objetividade ou da noção de como as coisas realmente são não parece, se preocupados com a coerência, ser um bom rumo a tomar. De maneira geral, qualquer juízo que possua *valor de verdade*, algo que a afirmação de Rorty parece objetivar, pressupõe uma noção de objetividade ou de como as coisas realmente são. Esses, sem dúvida, são bons motivos para mostrar a inteligibilidade de uma noção de objetividade e realismo.

¹⁰⁸ Asserções do tipo “o jeito que o mundo é” não fazem sentido para Rorty.

Semanticamente (...), o realismo moderado parece estar além de reprovações. Afirmações do contrário tem implicações identificáveis sobre as coisas realmente são e, desse modo, demonstra a inteligibilidade (...) do realismo moderado (MOSER, 2008, p.121).

3. Considerações Finais

A partir do desenvolvimento feito anteriormente, o pensamento de que todos os fatos são construídos (um dos principais argumentos contra o realismo e a objetividade) enfrenta sérios problemas tanto na versão [DDF] quanto na sua forma relativizada. Dada sua natureza autorrefutante, não temos escolha, pelo menos em um primeiro momento, de reconhecer que têm de haver alguns fatos objetivos independentes do concebedor.

Além da parte negativa da possibilidade do realismo e de um objetivismo de fatos (a refutação da tese [FC]), Moser nos mostra que a noção de objetividade a respeito de como as coisas realmente são deve ser minimamente preservada. Desta forma o realismo se faz inteligível, afastando a ideia de que tal posição seja uma ingenuidade teórica¹⁰⁹. Contudo, será que a inteligibilidade do realismo implica sua verdade? Que ele seja uma posição racionalmente aceitável (epistemologicamente adequado)?

Primeiro, mesmo que tal posição seja inteligível semanticamente, o realista comprometido tem de enfrentar os problemas e desafios explicativos que surgem da sua própria tese. A defesa de uma *noção de verdade* [NV], por exemplo, da forma que é sustentada pelo realista, parece manter muitos

¹⁰⁹ Podemos adequar essa conclusão para qualquer “tipo” de realismo, mas Moser, no desenvolvimento do seu artigo, está defendendo especificamente o realismo moderado. É importante perceber que tal adequação pode ser feita, mas enfrenta ainda os problemas específicos da sua posição. Por exemplo, o *realismo robusto* se compromete com uma ontologia um tanto extensa, e justificar a existência de cada entidade é altamente complexo.

dilemas distantes¹¹⁰, mas é seguida por determinados problemas e cobranças explicativas. Vejamos: a posição realista na maioria das vezes se adequa a uma posição de *verdade por correspondência*, definindo a verdade pela relação de correspondência entre o mundo e as afirmações verdadeiras. Um dos problemas que o realismo enfrenta é determinar pontualmente como se dá tal correspondência¹¹¹. Assim, as dificuldades explicativas são aplicáveis a todas as teses que o realismo sustenta. Cada afirmação substancial feita por realistas fomenta uma explicação adequada para que o realismo seja uma “tese verdadeira”.

Segundo, mesmo que os realistas ofereçam explicações suficientes das teses que defendem, Moser (2008, p. 122) nos chama a atenção para um outro problema, o que o cético perspicaz chama de um oferecimento de suporte de *não petição de princípio*¹¹². Para o epistemólogo norte-americano, as posições realistas parecem ocorrer em consideradas *petições de princípios*, gerando um *status epistêmico negativo* para a sua justificação, comprometendo de alguma forma a aceitabilidade da tese realista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOGHOSSIAN, P. *Medo do conhecimento: contra o relativismo e o construtivismo*. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GOODMAN, N. *Ways of Wordmaking*. Indianapolis: Hackett, 1978.

_____. “Notes on the Well-Made World”. In: McCORMICK, P (org.). *Starmaking: Realism, Anti-realism, and Irrealism*. Cambridge: The MIT Press, 1996.

INWAGEN, V.P. *Metaphysics*. Westview Press, 2002.

¹¹⁰ Um deles seria a possibilidade de termos *crenças falsas* (a possibilidade de erro) se afastando do relativismo a respeito da verdade que parece trazer muitos dilemas. Para um aprofundamento do tema, ver: MOSER, MULDER, TROUT (2008, p. 69-73).

¹¹¹ Creio que muitas posições realistas atuais possam oferecer respostas suficientes a este problema, mas esta é uma questão complexa e normalmente exige explicações substanciais.

¹¹² Para mais considerações, ver: MOSER (2008, p.122-127).

- MOSER, P. K. “Realismo, objetividade e ceticismo”. In: GRECO, J; SOSA, E (org.). *Compêndio de epistemologia*. São Paulo: Loyola, 2008.
- MOSER; MULDER; TROUT. *A teoria do Conhecimento: Uma introdução temática*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.
- RORTY, R. *Contingency, Irony, and Solidarity*. New York, Cambridge University Press, 1989.
- _____. *Truth and Progress: Philosophical Papers*. New York: Cambridge University Press, 1998.
- OKASHA, S. *Philosophy of Science: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.